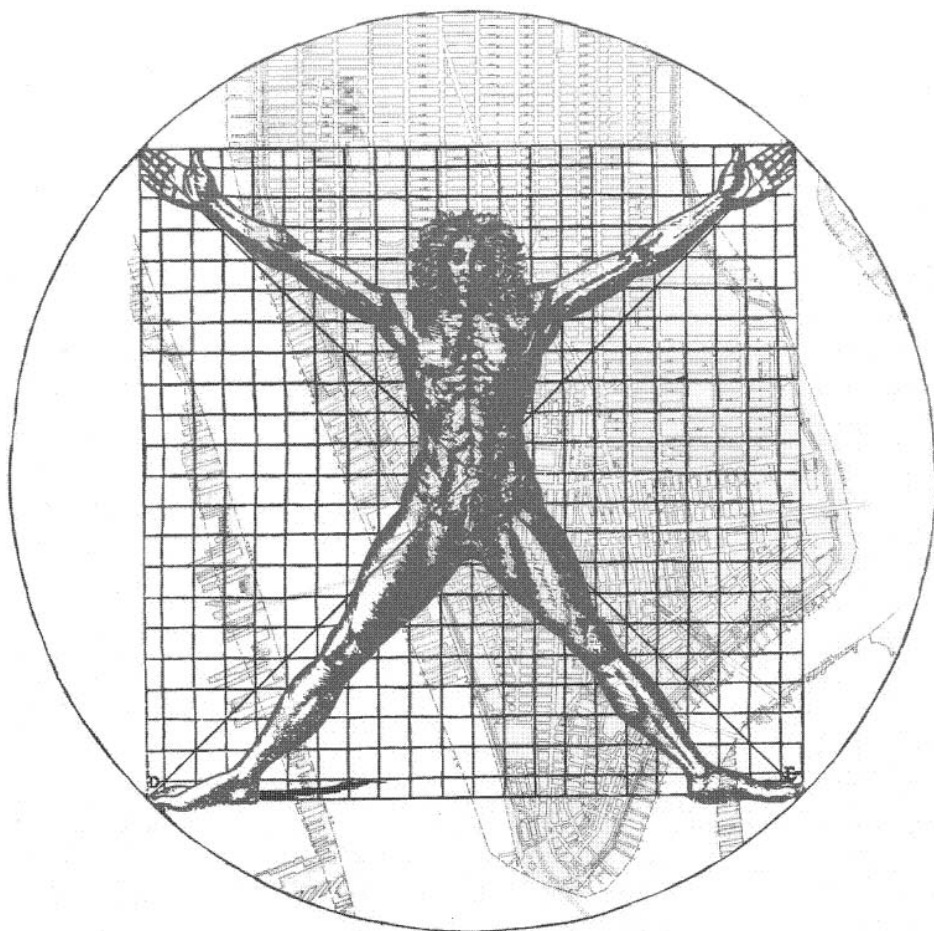


Bruno Gil

**Investigações da
invenção e reinvenção
da memória**



Although we recognize research is integral to architecture and its education, we are often unclear what constitutes original architectural research, and how research might best be practiced today.

(Philips, 2009, p.10)

A problematização em torno da investigação na arquitectura decorre das incertezas, naturais do seu tempo curto. Se na arquitectura o projecto tem 500 anos, a investigação não tem mais que 50. É a partir da década de 1960 que se geram centros de arquitectura, que também eram de investigação. Esses lugares eram híbridos de aprendizagem e investigação onde a memória era alvo de invenção e reinvenção. Apesar do consenso generalizado quanto à pertinência do acto de investigar, as incertezas são ainda mais significativas do que as certezas, no que diz respeito à sua prática e nas relações com o método que se tem como consensual – o projecto. Importa, assim, colocar a questão tão corrente no actual contexto académico: que investigação é que a arquitectura quer?

Naturalmente, surge a dúvida sobre a especificidade do acto de investigar em arquitectura ou, pelo contrário, a assunção de contornos e características da investigação doutras disciplinas. E uma vez mais vem ao de cima a relação entre arte e ciência, onde as hesitações disciplinares eram evidentes nas vanguardas do século XX, no embate com a modernidade, expressas nas experiências da Bauhaus ou da Vkhutemas. Admitir a existência de especificidades, implica uma caracterização e definição de investigação, tanto no *tipo* como na *escala*, aferindo sempre a validade de um enquadramento com a arquitectura.

Consequentemente, testar-se-á a hipótese de que, por um lado, a investigação dita *fundamental* em arquitectura promove uma contribuição iminentemente intra-disciplinar e que, por outro lado, a investigação *aplicada*, visando o desenvolvimento, tende para um compromisso extra-disciplinar. Para contribuir sobre o que poderá representar em arquitectura, a adopção e o exercício consciente destes tipos de pesquisa, iniciaremos um processo retrospectivo, que passará sobre experiências de ensino-aprendizagem e de investigação, tidas como centrais, e até embrionárias, para a discussão. Partindo de especificidades da Bauhaus, aludindo a estudos do Centre for Land Use and Built Form Studies ou do movimento Design Methods e chegando ao Institute for Architecture and Urban Studies, a selecção destes casos considera que se alguns partiam de uma perspectiva *fundamental*, outros pendiam para uma investigação *aplicada* e de *desenvolvimento*, ou chegavam a admitir, num só projecto, contribuições tanto no nível *fundamental* como *aplicado*.

Sobre o tipo e a escala da investigação

Efectuar uma aproximação às experiências daqueles centros de estudos em arquitectura, através da lente da investigação, exige enfrentar diversas perplexidades, ensaiando alguns esclarecimentos sobre a adopção para a arquitectura de uma tipologia de níveis de pesquisa,

originária das ciências exactas, e sobre os reflexos de uma tendencial especialização e ramificação dos conhecimentos, na escala do campo de acção, que vai do geral ao específico.

Destrinçando diferenças tanto no *tipo* como na *escala* da investigação, Nuno Portas introduz em 1964, as definições trazidas para a arquitectura, por Llewellyn-Davies, então director da Bartlett. Por ordem crescente de generalidade, identifica a *prática avançada*; o *trabalho de desenvolvimento*; a *investigação aplicada*; e a *investigação fundamental* (2008, p.73).¹

Se Portas exemplifica a *prática avançada* com o estudo de um sistema de elementos pré-fabricados, na *investigação fundamental* alude aos estudos básicos provenientes da teoria e estética da arquitectura. Coloca-se a hipótese de um acto de investigação dito fundamental englobar maior generalidade e um aplicado maior especificidade. Esta interpretação parece contrária ao que acontece nas ciências naturais, quando por exemplo o estudo de uma célula (considerado investigação fundamental) parece corresponder a uma maior especificidade em relação ao estudo do corpo. O que pode indicar que a *especialização* é variável independente do tipo de investigação e verificar-se em qualquer um dos níveis, fundamental ou aplicado.

Sobre o desenvolvimento das ciências humanas, Balandier considerava na sua reflexão prospectiva² que será “de conhecimentos polivalentes e duma certa disponibilidade intelectual, mais do que de conhecimentos especializados, que importará dotar as gerações ascendentes.” (Balandier, 1963, p.373) Contudo, reconhece a especialização como oportunidade para a fertilização interdisciplinar.

Ora, no contexto de uma *super-especialização*, o que Eisenman vem questionando, e que abordou no EURAU³ de 2008, é que a ameaça não virá da fertilização mas do excessivo deslumbre pela componente. A visão da parte com o todo e o projecto sintético estão em risco:

“Leon Battista Alberti said a house is a small city and a city is a large house. [...] That relation has sustained architecture for five hundred years. Now it is under attack. People [...] no longer believe that it's necessary. [...] The reason for this is that we can now in computation, in the digital, we can make all sorts of component relationships and we can manipulate them into all sorts of value free wholes, that look fantastic, each one of them different and none of them saying anything.” (Eisenman, 2008)

Mas como Picon relembra, Viollet-le-Duc já em *Histoire d'un Dessinateur*, exercitava mimetismos da estrutura óssea para mecanismos, ou componentes (Fig.1) (Picon, 1999). Pelo que a justificação não será específica do digital, mas da adopção da tecnologia e sua adaptação à disciplina.

Da ideia ao produto

As aproximações entre arte e ciência têm sido alvo de inúmeras considerações, tanto pelas questões mais fracturantes entre as culturas humanista e científica, como nos relembra C.P. Snow (1961), como por